

Elementos Para Colocar Em Prática Uma Ação Litúrgica*

Guy Lapointe**

Sinopse

Com o objetivo de tratar da noção de *instrumentum* na Liturgia, esse texto, indo além de um simples tratar da materialidade e funcionamento específico de instrumentos, explora os elementos da ação litúrgica como um momento de comunicação e mediação carregado de eficácia simbólica, atentando para sua dimensão poética, sua performatividade cênica e sua natureza social.

Palavras-Chave: *Instrumentum*; Liturgia; Eficácia Simbólica

Resumé

Plutôt que parler sur la matérialité et le fonctionnement spécifique des instruments, ce texte explicite la notion d'*instrumentum* dans la liturgie comme un lieu de la communication et la médiation, rempli de efficacité symbolique à cause de sa dimension poétique, sa performativité scénique et sa nature sociale.

Mots-Clé: *Instrumentum*; Liturgie; Efficacité Symbolique

* Este texto foi proferido como conferência de abertura do congresso *Universa Laus International*, cujo tema foi "Os instrumentos na Liturgia", em Montreal, Canadá, em agosto de 2001.

** Professor Honorário da Universidade de Montréal, Quebec, Canadá.

O convite para abrir este congresso do *Universa Laus*¹ muito me honra, mas não é sem uma certa inquietude que me apresento frente a este grupo de especialistas de diferentes disciplinas, todos preocupados com a qualidade da música na liturgia. Eu ofereço a vocês algumas reflexões, as quais, eu espero, poderão servir de referência para os dias que se seguem.

Para introduzir o tema deste Congresso do *Universa Laus*, *Os instrumentos na Liturgia*, os organizadores pediram-me para refletir com vocês sobre a noção do *instrumentum* na liturgia. Isto é apropriado para os músicos que vocês são, pessoas que trabalham para enriquecer a ação litúrgica com todos os instrumentos musicais, bem como com a voz. Vocês estão incessantemente à procura de manifestações musicais relacionadas ao ciclo do tempo litúrgico, à composição de corpos e vozes em movimento, às narrativas sagradas que já foram ouvidas milhares de vezes, e à *vox ecclesiae*, agrupada em torno dos grandes símbolos litúrgicos. Mas como liturgista, e principalmente após a reforma do Concílio Vaticano II, eu já tive um bocado de problemas em minhas pesquisas e em meus cursos na Universidade tentando trazer de volta à ação litúrgica toda sua significação no domínio da intensidade, da interioridade e

1 N. do T.: A associação Internacional *Universa Laus* reúne autores, compositores, liturgistas, teólogos, músicos e musicólogos com o propósito de estudar, através de conferências, publicações e outras atividades, as relações entre canto e música na liturgia, segundo as normas da Igreja Católica após o concílio Vaticano II. *Universa Laus* surgiu oficialmente em Lugano, na Suíça, em abril de 1966, mas seus fundadores já trabalhavam juntos há muito mais tempo, seja de forma particular, seja ligados a publicações como *Musik und Altar* na Alemanha (E. Quack - H. Huckle) ou *Eglise qui chante*, órgão de "L'Association Saint-Ambroise pour le chant du peuple" fundada na França em 1957 por David Julien, René Reboud, Lucien Deiss et Joseph Gelineau. Quando do anúncio do Concílio Vaticano II, e haja vista a prioridade dada à questão litúrgica, estes mesmos musicólogos e liturgistas forneceram os estudos e textos para as discussões conciliares. Desde sua fundação, o grupo *Universa Laus* realiza encontros anuais em diferentes cidades a fim de se incentivar os estudos e pesquisas no que se refere à música litúrgica, continuando dessa forma o espírito do Concílio. De uma maneira institucional, pode-se dizer que *Universa Laus International* é um grupo privado, sem fins lucrativos, que funciona de acordo com um estatuto elaborado e votado por um certo número de pessoas participantes nas assembleias gerais. A assembleia geral elege o *presidium*, que é o órgão diretor da associação, composto de três membros. Em 2001 o encontro anual do *Universa Laus* ocorreu na cidade de Montreal, no Canadá, e teve como tema "os instrumentos na liturgia". O aluno do programa de doutorado em Ciência da Religião da UFFJ, Vinicius Mariano de Carvalho, foi o primeiro brasileiro a participar de um encontro do *Universa Laus* desde seu estabelecimento, em 1966.

da poética, para dela retirar esta idéia de instrumentalidade ao serviço da fé, que eu não ousarei mais a retornar. No entanto, acercando-me proximamente e encontrando inspiração na evolução etimológica do termo *instrumentum* - uma palavra derivada do verbo *instruire* (instruir) que, figurativamente falando, está ligada à idéia de ferramenta e sobretudo de fonte -, consenti-me, pouco a pouco, a me deixar interpelar e instruir por este tema.

Nesse respeito, o uso de instrumentos musicais na ação litúrgica é um bom exemplo do que é percebido como *instrumentum* a serviço da liturgia. É necessário no entanto admitir que o termo *instrumento*, na liturgia, está ligado à sua mais popular significação: alguma coisa que serve para realizar, para produzir qualquer coisa. Ora, a música na liturgia deve ir além dessa acepção ou percepção tão difundida. Ainda que seja isso, ela não é simplesmente um instrumento a serviço da ação litúrgica; ela é parte ativa na criação dessa ação. Eu partilho da mesma opinião dos comentaristas do *Documento Universa Laus* que enfatizam que “a especificidade da música ritual utilizada pelos cristãos não se situa na forma, no estilo ou na língua, mas na maneira como uma música é integrada à liturgia. (...) A condição fundamental reside na possibilidade da música se tornar um elemento orgânico no conjunto da ação litúrgica.”²

A música é, para a liturgia, uma dimensão que abre ao poético, à habitação de um tempo e de um lugar, e que estabelece uma presença na proximidade de Deus e dos outros. Música é então um belo exemplo de uma intervenção que se encontra ao nível poético, no sentido de que ela põe em jogo a dimensão poética da liturgia. Quaisquer que sejam as ferramentas, as fontes ou os acessórios que a ação litúrgica põe em prática, seu primeiro propósito é dar sentido e abrir os campos de significação ligados à singularidade da experiência cristã no contexto dessa dimensão.

Mais que me demorar sobre a materialidade e o funcionamento específico dos instrumentos na liturgia, eu gostaria

2 Claude DUCHESNEAU, Michel VEUTHEY, *Musique et liturgie: Le document Universa Laus*, Paris: Cerf, 1989, p. 52.

de falar sobre os elementos fundamentais da ação litúrgica, que aqueles que são especialistas depois estarão mais aptos para empregar. É por isso que esse texto tentará explicitar a dimensão poética da liturgia que é o sujeito do tema *instrumentum*. Eu o abordarei em função da noção de eficácia simbólica. Farei uso de certos aspectos, como os seguintes: comunicação e mediação, performatividade, ciência e natureza social.

1 Liturgia e Eficácia Simbólica

Seguindo a Jean-Yves Lacoste, eu gostaria de começar recordando que a liturgia pode em si mesma tornar-se um *locus* de pensamento que segue a “lógica que preside o encontro do homem com Deus”.³ Uma das características da liturgia judaico-cristã é a celebração do encontro histórico de Deus com seu povo. E a percepção mais profunda dessa celebração é que, celebrando o evento histórico, se renova o encontro no *hic et nunc*.

A análise que Jean-Yves Lacoste faz do fenômeno litúrgico em sua obra que citei acima parece-me muito pertinente à nossas propostas. A liturgia é, a seus olhos, um jogo que se joga defronte a Deus. Como um trabalho de liberdade e de sobredeterminação, a liturgia leva-nos a pensar em termos de vínculo, vínculo com Deus, vínculo com o absoluto.⁴

Por outra via, como indica um artigo de Jean Greisch,⁵ a liturgia incita a pensar a existência litúrgica como algo que está relacionado à humanidade, não com um *sagrado* ao qual a proximidade nos é garantida, mas com um Absoluto com o qual o homem fica face a face apenas em um contexto de distância infinita. Assim, a liturgia delimita, no espaço do ser-no-mundo e da faticidade (que em nenhum caso será abolida), um espaço novo que antes de tudo envolve uma *redefinição do lugar*, lugar este não mais pensado como *ser-lá*, mas como *ser em direção a*.

³ Jean-Yves LACOSTE, *Expérience et absolu, questions disputées sur l'humanité de l'homme*, Paris: PUF, 1994, p. 2.

⁴ Cf. op. cit. P. 46.

⁵ Jean GREISCH, “Que signifie penser religieusement?”, *La lettre* 182, 1973.

É nesse sentido que a liturgia constitui uma situação poética, uma situação na qual a eficácia é da ordem do simbólico. Ainda que ela ponha em prática, ela não produz nada que não seja essencialmente um interlúdio, ou um garantir uma vizinhança, um abrir uma janela para o mistério. Como escreveu Michel de Certeau, a liturgia é “da ordem do excesso e da abertura. É puro gasto.”⁶ Tal é sua ordem de criatividade e enobrecimento. A celebração litúrgica se encontra no cruzamento de um antes (a vida cotidiana), de um presente (a celebração) e de um futuro (o recentramento sobre a utopia cristã, a vinda do Reino).

A liturgia é um jogo simbólico de fazer memória e de fazer retorno, de memória estranha do essencial, a saber: quando Deus consente em morrer, em se alienar, Ele inverte as relações com o Absoluto. A liturgia é assim, um chamado de volta ao limiar onde cessa a profanidade para se ir em direção a outra coisa, além mesmo do sagrado, para “fazer surgir, como diz Richard Guimond, uma presença significativa do Cristo.”⁷

A liturgia é, antes de tudo, ação, comunicação. Tudo mais que serve ao seu pôr em prática, ou melhor, pôr em cena, passa a ter a mera função instrumental para entrar na verdadeira criação do espaço e do tempo litúrgico. Ela é assim uma das modalidades do rito, forma sensível herdada da tradição, logo de uma certa continuidade de formas. Ela necessitou dos ritos para existir, mas o rito não é forçosamente litúrgico. Apesar disso não temos o hábito de designar também os rituais profanos de nosso mundo contemporâneo pelo termo *liturgia*?

A liturgia fala da eficácia simbólica. Mas para ser eficazmente simbólica, ela deve responder aos critérios de performatividade cênica e de natureza social. Ela não deve ser avaliada somente em termos de memória cultural e religiosa transmissível, de reserva de valores, mas sobretudo como uma matriz de experiências que permitem a produção dos efeitos esperados. Quando vamos à assembléia litúrgica esperamos os ritos que, mesmo com seu aspecto repetitivo, permanecem estreitamente ligados ao que o Evangelho traz à existência humana.

6 Michel de CERTEAU, *La misère théologique, question théologique, La lettre*, 182, 1973.

7 Richard GUIMOND, *L'assemblée liturgique, signe de l'engagement des chrétiens dans le monde, Liturgie, Foi et Culture*, v. 35 (printemps 2001), 25.

2 Eficácia Simbólica Como Comunicação e Mediação

Mais a mais, é sob o ângulo da Filosofia da Linguagem que a liturgia e os sacramentos cristãos são analisados. A liturgia é uma linguagem que é inteiramente codificada, consistindo em gestos e palavras, cuja seqüência é inteiramente previsível (Bourdieu). Para estudar um ritual, não se deve analisar isoladamente os elementos que o compõem (objetos, palavras, gestos...), mas procurar por sua significação no sistema global ao qual ele pertence.

No nível da linguagem, a liturgia não é identificada com as outras expressões da fé, como as demonstrações de vida, as instituições eclesíásticas, as formas de oração íntima, o engajamento moral, o discurso teológico, a arte sacra, etc. A liturgia aparece como uma situação de discurso⁸ não apenas no sentido verbal do termo. De fato, não é apenas o que chamamos de “Liturgia da Palavra” que é palavra; todos os atos litúrgicos, inclusive a música, são *informados* por uma palavra que explicita seu sentido. A liturgia constitui então uma escritura, uma linguagem do *dito* que *sugere*, que *simboliza* algo. Ela desempenha um ou mais sentidos, e a esse respeito, ela é da ordem da semântica.

Mas, essa situação da liturgia como linguagem se refere a um evento fundador, ele mesmo portador de sentido. É portanto uma situação que traz de volta para si mesmo um sentido já oferecido. Nessa perspectiva, a linguagem litúrgica, como toda linguagem, só pode ser compreendida em seu contexto de tradição. Ela está numa situação constante de memorial, de lembrança. Ela é o momento de reconhecimento, como em uma festa onde há uma dimensão essencial do que está e do que está para vir. Na linguagem litúrgica, o evento escrito em um texto se torna mais uma vez discurso, proclamação, *evangelho*, pelos gestos do memorial, da lembrança, pelo gesto da tradição.

⁸ Essa dimensão da liturgia como discurso foi muito bem desenvolvida por Pierre LUCIER, Le statut épistémologique de la situation liturgique, *Liturgie et vie chrétienne* (octobre - décembre 1972), p. 256-78.

Aquí juntamos o sentido da tradição cristã quando, na ritualidade, nos incentiva a viver a memória do Deus de Jesus Cristo, não como um simples evento do passado, mas como um evento que abre para um futuro. A ação litúrgica é produtora do sentido porque ela traz para hoje o que a tradição começou a dar-nos como valores fundamentais ligados ao Evangelho: abertura para os pequenos, gerência das ambigüidades da vida em uma memória da esperança, aproximação da morte como transição e emergência da ressurreição.

Nesse respeito a ação litúrgica pode exercer múltiplas funções, exatamente como a linguagem de quem ela é parte integrante. Ela pode nos apaziguar frente à angústia ou às questões da existência, para as quais não conhecemos respostas. Ela se comporta então como um espaço terapêutico, sugerindo o que poderia ser. É por essa razão que esperamos da ação litúrgica uma grande eficácia. A ação litúrgica pode igualmente se tornar um espaço de reflexões e escolhas sobre o que fazer na vida. Nesse sentido, ela comporta uma dimensão ética.

Na medida em que a liturgia é um discurso situado em uma história, em uma tradição de transformação progressiva, sempre ligada a uma ação prática em vias de realização, ela se torna artificial para isolar a busca de sentido na ação cristã. Ou, parece bem que a liturgia realiza em sua linguagem mesmo a síntese do sentido e da ação porque ela é um espaço onde prática e hermenêutica se ligam indissociavelmente para interpretar a ação litúrgica. Nela se desfaz o abismo que há entre hermenêutica e prática, de maneira que a ação litúrgica nos lembra que não existe hermenêutica sem prática. Na linguagem litúrgica, não é em primeiro lugar a ortodoxia que está em questão na proclamação mais ou menos correta do credo. A verdade se forma no fazer da ação, que produz um estilo de fé mais ou menos pertinente, que verifica o dinamismo do Reino que vem.

3 Eficácia Simbólica Como Encenação

A eficácia simbólica não se mede somente pelo bom funcionamento da linguagem autorizada e por sua validação institucional. É necessário se levar em conta o grau de

performance dos gestos e das palavras, os quais, combinados com a utilização de determinados objetos, constitui em um conjunto ordenado onde cada ator desempenha um papel preciso.

Muitas vezes, em razão do impacto e da visibilidade da Igreja e pelo desejo de entrar na modernidade, voltamos nosso olhar para o lado das mídias. Por uma Igreja mais midiática! Nesse caso as pessoas imaginam que uma liturgia poderia funcionar melhor se nos saíssemos bem em fazê-la entrar no mundo do espetáculo e do espetacular. Pensemos nas festas de São João⁹ e, no contexto cristão, na festa de canonização de Marguerite d'Youville no Vieux Port de Montréal em 1989. É legítimo se elaborar um tipo de liturgia adaptada a um evento particular. Mas não é menos certo que nós praticamos sempre um verdadeiro discernimento no que concerne ao tipo de ritualidade que vamos encenar nas mídias; recorrer à mídia não é a panacéia para resolver nossos problemas de ritualidade.¹⁰

A eucaristia, por exemplo, não é um jogo que se conduz às mídias e para grandes multidões. Ela requer um tipo de comunicação que supõe uma mesa como centro, uma mesa que é circundada para se partilhar o pão e o cálice. Onde este gesto não é praticável precisaríamos considerar outras maneiras de fazer eucaristia.

A encenação da ação litúrgica traz à tona a questão da natureza e da gestão do ritual. Um ritual é uma “matriz fixada de ação e significação”.¹¹ É assim um espaço instituído que possui suas regras de funcionamento destinadas a abrir a comunicação e não a sufocar. Conforme dito acima, o ritual é eficaz quando permite a comunicação, quando ele situa o indivíduo em sua genealogia para que ele possa continuá-la a sua maneira.

Nossa concepção de como se colocar em prática a ação litúrgica deve ser revista. Não podemos nos contentar em consultar o livro do ritual alguns minutos antes de uma celebra-

9 São João Batista é padroeiro de Quebec. Sua festa ocorre em 24 de junho.

10 Cf.: À propos de la messe télévisée: La communication propre à l'eucharistie, *Liturgie, Foi et Culture*, v. 4, n.º 123 (set 1990), p. 44-49.

11 P. OLIVIERO, et T. OREL, “L'expérience rituelle”, *Recherche de science religieuse*, t. 78 (jul - set 1990), p. 334.

ção para fazer a escolha de uma oração. Facilmente utilizamos a expressão “encenação” quando se trata de preparar grandes encontros litúrgicos, mas esse conceito é também válido para uma celebração nas igrejas ou em um contexto doméstico. A liturgia é encenação, colocar em ação (colocar em prática, colocar em espírito).¹²

Em toda encenação o primeiro a se fazer é criar a relação entre texto e cena: dar ao texto recitado uma cena para o fazer vivo a um auditório. Quando, por exemplo, André Brassard encena um texto de Michel Tremblay, ele faz os personagens e as situações surgirem de um texto para lhes dar vida para um público enquanto conduz a mais ampla margem de interpretação possível. Ele se estende cada vez mais longe do texto de Tremblay.¹³ Por que correr esse risco? Essencialmente porque, por definição, o texto é durável; ele se oferece à releitura e à repetição. Ele jamais vai parar de contar algo enquanto encontrar um leitor ou um ouvinte. Por outro lado, a cena é passageira como a vida; ela reproduz, mas não pode se repetir de maneira absolutamente idêntica; ela representa. O papel maior do produtor é ser totalmente presente no mundo e na tradição do texto e o fazer vivo para o público do teatro.

Como a encenação no teatro, a liturgia faz viva, põe uma comunidade celebrativa face a um texto, memória das origens e do que se segue. Ela é também o espaço de entrada do texto na assembléia, uma vez que esta confere forma corporal ao texto proclamado, através do qual ela reconta sua própria história de fé para a continuar no mundo. Contudo, diferentemente da encenação do teatro, a encenação da liturgia deve ser realizada para ser efetiva por toda assembléia, e não apenas pelo prosênio, pelo palco. De fato, a “cena” litúrgica é a assembléia que se reúne para dar corpo através dos gestos, das palavras e dos textos de sua memória coletiva. A este respeito, ela não é mais da ordem do espetacular.

Na encenação, o papel da presidência da liturgia assemelha-se muito ao do produtor de teatro. Ele não pode se contentar em simplesmente pegar os elementos oferecidos a

¹² N. do T.: No original, “*Mise en scène, mise en oeuvre, mise in esprit*”

¹³ André Brassard é um diretor; Michel Tremblay é um dramaturgo. Todos dois são do Quebec e sua fama vai além das fronteiras do Canadá.

ele pelo livro de rituais; ele precisa ordená-los, prever e pensar com antecedência as relações que os unirão, conduzir uma dinâmica conforme o contexto da celebração. Como o produtor, o presidente da liturgia é ao mesmo tempo presente e ausente; presente como presidência, mas de uma presença que não deve monopolizar tudo em frente a uma assembléia passiva. Aqui invocamos uma convicção profunda que animava as primeiras gerações cristãs: para elas, o Cristo era sempre o verdadeiro presidente da assembléia eucarística. Encontramos isso na passagem sobre os discípulos na estrada para Emaús (Lc. 24). A pessoa que preside deve então buscar uma presença que deixe perceber o Outro, o Cristo que é interpelado em Espírito.

O verdadeiro produtor crê na eficácia simbólica de sua encenação como espaço de abertura e de enunciação da vida e da fé. Ele cria um espaço de produção de sentido e de novas significações. Se, até hoje, a presidência litúrgica não nos permitiu a possibilidade de acreditar em uma certa liberdade na encenação, não seria isso devido, em grande parte, a um resíduo de intransigência ligada ao que é permitido e ao que é proibido? Fazer exatamente o que está escrito; esta atitude tem muitas vezes conduzido a uma visão fundamentalista da ação litúrgica no catolicismo. Há espaço para a criatividade na ação litúrgica, mesmo que tenhamos que respeitar sempre as grandes intenções. Encenar é colocar em ação os signos a fim de se criar um espaço de comunicação com o Deus de Jesus e com nossos irmãos e irmãs. Conseqüentemente, a liturgia é um espaço de revelação, o lugar de uma nova escritura cênica que traz a memória cristã ao coração de uma assembléia. Para se chegar a esse ponto, a assembléia necessita ser acompanhada e sustentada por uma liderança pertinente.

À guisa de exemplo: no Natal de 1990, o Maestro da orquestra Filarmônica de New York, Kurt Masur, substituiu no último momento o Maestro Leonard Bernstein para conduzir um concerto com músicas de Mendelssohn. Ao fim do concerto, Kurt Masur recebeu uma ovação tremenda. O maestro então se posicionou no meio da orquestra e abriu os braços,

significando para a audiência que foi todo o conjunto, orquestra e coro, que fizeram desse concerto uma experiência espiritual tão forte. Esta noite a audiência não teve uma noite de Kurt Masur, mas graças a Masur e à orquestra, teve uma noite de Mendelssohn. Este é o papel de uma presidência bem entendida. Uma encenação que faz de um texto escrito um evento, um maestro que se põe a serviço de um texto para o recriar e fazer dele um evento musical. Este é também o sentido da liturgia cristã: fazer da memória do Cristo e do mundo um evento para este tempo.

A ação litúrgica é um espaço, uma dinâmica. Todos os elementos que a compõe não têm a mesma importância. É necessário portanto, em função da história e da cultura contemporânea, relativizar os diversos elementos. Nem tudo deve ser colocado no mesmo nível. Por exemplo, na “administração” do ritual eucarístico, se faz urgente “enxugar” o tempo da Palavra, de modo a se beneficiar o silêncio e se redirecionar toda sua força e poder ao rito da comunhão. Retirar os participantes e o presidente de um imaginário de distribuição de hóstias para os fazer entrar em um imaginário de partilha. Partir realmente o pão e o partilhar, ver circular o cálice - alguns dos gestos da encenação que temos a dificuldade de ver verdadeiramente em nossas eucaristias. Enquanto não fizermos sérios esforços nesses pontos, todas as outras inovações, ainda que sejam interessantes, serão uma sobrecarga que estorvarão a chegada aos gestos fundamentais.

4 Busca da Alteridade: Liturgia e Sociabilidade

A liturgia aparece muitas vezes como associal, senão anti-social, ou cada vez menos, pouco ameaçadora, ou ainda insignificante. Agora, desde algum tempo, são sobretudo os pesquisadores em ciências sociais e humanas que se preocupam mais com a liturgia, pelo viés de sua dimensão ritual, estudando os efeitos sobre os comportamentos dos praticantes, do ponto de vista tanto religioso quanto social.

Mesmo admitindo que esforços inteligentes e bem sucedidos permitiram a certas comunidades cristãs fazer da liturgia um momento de busca de sentido e significação, esta é muitas vezes percebida como um espaço de encerramento e fechamento. Para muitos a liturgia não faz mais sentido. Ela aparece, certamente, como um espaço onde se pode observar a sociedade e seu funcionamento, mas como através de uma vitrine: o ritual, considerado como uma tela que permite olhar de fora mas a partir de um lugar interior que não se deixa facilmente provocar. Pesquisas como a da empresa SOM, realizada em 1990 por interesse dos Padres do Santíssimo Sacramento, sobre a prática litúrgica dominical na região metropolitana de Montreal, nos fazem abandonar nossas ilusões - se resta ainda alguma - sobre as possibilidades que tem a liturgia de socializar a fé e a esperança de salvação. Ilustro meu propósito com duas questões dessa pesquisa: - *Quando você vai à missa, em que medida é importante para você encontrar as pessoas que você conhece?* 61% responderam que é pouco ou nada importante. - *Quando você vai à missa, em que medida é importante para você estar sozinho com Deus (se recolher)?* Oitenta por cento responderam que é muito importante.¹⁴ Essas respostas têm muito a dizer acerca da difícil busca da alteridade na liturgia dominical. Podemos, muito provavelmente, estender esta não preocupação com o outro ao conjunto da experiência litúrgica.

No entanto, observando os melhores momentos da história da prática litúrgica, continuamos convencidos que a liturgia tem sido um espaço privilegiado, um tempo de aprendizagem da alteridade e portanto um espaço de socialização da fé e da salvação. Os Pais da Igreja diziam que a assembléia litúrgica é o Corpo do Cristo, a ponto de que não ir à assembléia dominical é diminuir o Corpo de Cristo.¹⁵ Terá, a experiência litúrgica, se tornado uma confissão do malogro da relação com os outros por causa de sua ruptura com a prática histórica da “liturgia do próximo”, para utilizar uma expressão de Emmanuel Lévinas?

¹⁴ Estudo sobre a prática religiosa dos católicos da região metropolitana de Montreal pelos Padres do Santíssimo Sacramento. SOM inc. março 1990, q. 9.2 e 3.

¹⁵ *Didascalie syriaque*, c. 13, p. 59 (Edição Funk: II).

O paradigma da alteridade, tema favorito da pós-modernidade, se desenvolveu em reação à unidade reducionista da diferença entre diversos sistemas de pensamento fechados, como muitos entenderam as iniciativas de racionalidade do princípio do modernismo. Aqui, a dialética hegeliana do “mesmo” e do “outro” é particularmente relevante. Desprendendo-se de uma época na qual se insiste na unificação das diferenças, a temática da alteridade insiste na existência de uma diferença incontornável como ponto de partida, de sorte que o encontro das diferenças não resulta nem do recobrimento de uma parte por outra, nem pelo fechamento ou a extinção do movimento de uma parte em função da outra, em sua forma e em seu fundamento. Lévinas apresenta a alteridade como esta experiência radical do outro que, por assim dizer, me expulsa de mim-mesmo e institui uma ética - da ordem de uma responsabilidade imperativa - em relação aos outros.¹⁶ Definitivamente, a alteridade é muito mais uma maneira de pensar, de modo a permitir as relações entre as *diferenças* e uma transformação de nossas relações. A alteridade não é um fenômeno de primeiro grau, não é um dom, é algo a ser construído, um engajamento. Além disso, é um empreendimento real de se decidir viver com algum outro diferente de si mesmo. “Outro”, escreve Pierre-Jean Labarrière, “é, antes de tudo, um *Tu* que se apresenta como um *Eu*.”¹⁷

Como poderia o paradigma da alteridade, em seu nível arcaico, manter viva na liturgia a exigência da alteridade? O que é preciso é a contribuição da “estrangeiridade” do outro, a radicalidade de sua diferença que desfaz a ilusão da posse de Deus e permite se conhecer algo de outro em Deus. “Deixa teu país, tua família e a casa de teu pai.” (Gênesis 12. 1); ou, para usar uma expressão de Michel de Certeau: “o que tira o fiel de sua casa na esperança de encontrar em algum lugar a verdade de sua própria face.”¹⁸ Este é o paradigma da alteridade.

16 Emmanuel LÉVINAS, et. Al. *Répondre d'autrui*, Boudy-Neuchâtel: Éditions de la Baconnière, 1989, p. 9.

17 Pierre-Jean LABARRIÈRE, *Le discours de l'altérité. Une logique de l'expérience*, (Philosophie d'aujourd'hui) Paris: PUF, 1983, p. 338.

18 Michel de CERTEAU, *L'étranger ou l'union dans la différence*, (Foi vivante) Paris: Desclée, 1968, p. 78.

Este paradigma abre a uma melhor compreensão da liturgia como despossessão de si-mesmo, para que ela possa se tornar um espaço estruturante da fé de uma comunidade e um lugar tradicionalmente privilegiado da simbolização da salvação na memória do crucificado-ressuscitado. Na liturgia, “uma comunicação é necessária para o reconhecimento de uma radicalidade.”¹⁹

Espaço ético em seu esforço hermenêutico constante, a liturgia é este cruzamento onde os fiéis manejam seu drama social, onde as comunidades cristãs se dão a ver como Igreja em experimentação contínua considerando aquilo a que é chamada a simbolizar do Reino no ato de vir ao coração do mundo. Como escreveu Karl Rahner, a liturgia é um “ato de realização da Igreja por ela mesma, em um engajamento absoluto.”²⁰ Além disso, isto é próprio de toda ritualidade: através da liturgia uma sociedade se expressa; ela maneja seu drama social de modo a ser visto e sabido por todo o mundo. Assim então, a liturgia como toda atividade humana em sociedade, comporta uma dimensão social. Ela é um ato de sociabilidade. Mas é necessário atenção para não fazer dela um puro e simples reflexo da estrutura social.

A linguagem autorizada, ritualizada e simbolicamente eficaz preenche uma dupla função de unificadora social e de instrumento de poder, de dominação da classe dirigente (como a Igreja) sobre as outras categorias da sociedade.²¹ O poder simbólico do rito reside então, na maior parte, na autoridade institucional e na validação coletiva que ela implica. A Igreja, o rei, o príncipe, a comunidade urbana constituem igualmente os pólos de produção do ritual que contribuem para reduzir os antagonismos de uma sociedade, exprimindo as hierarquias necessárias ao interior dessa sociedade mesma.

A liturgia instaura uma situação, um espaço de prática que interroga a maneira segundo a qual os fiéis se inserem na

19 Michel de CERTEAU, *Le christianisme éclaté*. Paris: Seuil, 1974, p. 38.

20 Karl RAHNER, *Parole et Eucharistie*. In: *Écrits théologiques IX*, Bruges: Desclée, 1968, p. 79.

21 Sobre este assunto, cf. as reflexões de Éric PALAZZO, *Liturgie et société au Moyen âge*, Éric Paris: Aubier, 2000.

história para abrir ao mundo a ressurreição. Ela se lança em direção a uma ação mais de acordo com as intenções do Reino de Deus sempre a vir. Longe de negligenciar a responsabilidade social, a liturgia nos conduz a ela. Certamente não é sempre assim. Mary Douglas, para mencionar apenas uma autora, tem enfatizado sempre que certos rituais religiosos traduzem concretamente a dissociação entre uma pessoa - ou um grupo - e a sociedade onde ela vive.²² Uma tal dissociação, é preciso dizer, contribui para uma queda vertiginosa da frequência em uma prática como a missa dominical, que vem sendo observada desde alguns decênios. Alguns chegam a afirmar que os cristãos não têm mais nenhum interesse pela ritualidade. Mas não esqueçamos que um ritual só será conservado e praticado se ele responde a uma necessidade e a um desejo dos atores. Contra este fato, todas as advertências autoritárias e moralizantes não farão pressão.

A afirmação de que as pessoas não praticam mais precisa ser matizada. A despeito de todas as exigências postas pela Igreja-instituição no que concerne ao acesso aos sacramentos, a prática de certos rituais não cessa de alimentar o imaginário dos fiéis. A celebração do batismo de crianças e mesmo dos adultos, a confirmação e a primeira comunhão talvez nunca tiveram tanto impacto e significação social e religiosa como hoje. Os casamentos “na igreja”, os funerais “sejam na igreja, sejam na capela de um complexo funerário”, são ainda muito procurados. Nessas práticas religiosas, os homens e as mulheres, mais ou menos ligados à experiência de uma comunidade, professam-se crentes e desejam através disso marcar sua filiação a uma tradição cristã. Esses rituais são vivenciados como momentos de consolidação da “tribo” ou da grande família. É necessário ter observado uma celebração de batismo comunitário em uma igreja para constatar o fenômeno da tribo: cada família se reagrupa em um lugar bem preciso na igreja. É deste lugar que ela entra, a sua maneira, na celebração.

22 Cf. Mary DOUGLAS, *De la souillure*. Essais sur les notions de pollution et de tabou, Paris: François Maspéro, 1981.

Em suma, por sua participação na encenação litúrgica, os fiéis continuam a procurar uma memória e um futuro no coração dos eventos que balizam suas vidas, eventos mais e mais ligados à experiência da família ou da tribo. Ao mesmo tempo, se eles continuam a “exigir os sinais”, eles querem agora controlar sua própria rede de significações, o que não está talvez tão longe do Evangelho como somos levados a crer. Colhemos o que plantamos: Desde um longo tempo a concepção dos sacramentos cristãos está reduzida de sentido. Na Igreja de ontem, os padres eram os líderes da comunidade natural que era a paróquia. Eles sabiam as significações a transmitir e as controlavam. Os paroquianos não tinham que participar da preparação dos rituais; eles simplesmente tinham que dar as repostas corretas às questões colocadas. Nesse sentido, nós antecipamos a sociedade tecnicista. Hoje os reflexos dos fiéis mudaram: eles exigem mais. A função simbólica (função de reconhecimento, de identidade, de posicionamento em uma tradição e em uma memória) que toma lugar numa grande parte do imaginário dos crentes tem então escapado da Igreja clerical, que se prendeu por muito tempo ao aspecto legalista das significações precisas dos rituais. Voltamos aqui à exigência de se assumir a tradição, não pela pura repetição das mesmas palavras, mas pelos comportamentos, uma ética de atitudes que continua o sentido. Estamos no coração da radicalidade e da alteridade da mensagem cristã. É importante que a assembléia litúrgica, a partir de suas fontes, recrie as formas. A liturgia como paradigma da alteridade nos reenvia à Igreja.

Hoje há uma certa urgência de se fazer a liturgia mais significativa em função dos contextos social, religioso e cultural onde ela se insere. Ainda que nas primeiras gerações cristãs a liturgia projetou a imagem do “homem novo” (“deixe a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão...” Mt 5. 24), ela tende hoje, por um efeito de retorno a si mesma, a se fechar contra o mundo. Aqui reside um problema para nossa prática litúrgica.

A liturgia é espaço e lugar simbólico do outro, olhando para o outro, atento ao outro, endereçado ao outro; em seu chamado, ela é um espaço da presença do outro, espaço da verificação da qualidade do corpo social em memória do Cris-

to. Ela me reenvia à responsabilidade de fazer história, ela é um espaço de uma elaboração ética. Espaço da alteridade, a liturgia permanece em um certo sentido como um espaço insustentável que nos força a permanecer sobre a corda bamba da vida e da relação com os outros.

5 À Guisa de Conclusão

Por ocasião do Congresso da *Societas Liturgica* realizado em 1995 e posteriormente publicado, Paul F. Bradshaw escreveu: “nenhuma época chegou a elaborar uma forma definitiva do culto cristão que foi durável. O consenso litúrgico do século IV não foi melhor sucedido que seus diferentes predecessores. Além do mais, a mudança, na maioria das vezes, conduziu a um estreitamento mais que a um alargamento do campo dos critérios de aceitabilidade da liturgia, e relaxou mais que reforçou suas ligações às suas raízes.”²³ Em nossa preocupação comum de dar à liturgia seu enraizamento na Tradição e sua eficácia simbólica e poética para este mundo que é o nosso, parece-me que deveríamos nos apoiar sobre dois pólos.

Primeiramente, se aceitarmos que os rituais da ação litúrgica nos vêm da tradição, é importante fazer todo o possível, considerando que as culturas estão sempre em evolução, para favorecer a diversidade nas maneiras de celebrar o Deus trinitário no coração de nossa história. O conceito de inculturação se tornou, com razão, uma preocupação nas tradições cristãs. É um espaço de debate, mas este debate não poderá ser feito sem que se enraíze nas experiências e práticas que se procura melhorar. Isto supõe também que se tenha momentos e espaços críticos para se reler estas experiências. A esse respeito, a música na liturgia ocupa uma dimensão capaz de abrir para esta evolução.

23 Paul F. BRADSHAW, *L'uniformisation de la liturgie chrétienne au IVe set au XXe siècle*. *LMD*, 20.4.1995, p. 30. Este artigo também foi publicado sob o título: *Homogenization of Christian Liturgy* *SL* 26 (1996), p. 1-15.

Em segundo lugar, todos sabemos por experiência, a criatividade ganha sempre mantendo uma grande atenção à tradição, e não apenas a alguns elementos escolhidos nesta. Ao passo que a criatividade na liturgia é um dos mais belos frutos da renovação litúrgica destes últimos quarenta anos, uma diversidade que não esteja religada a nenhum passado verdadeiro corre o risco de isolar estes novos ramos das raízes que os religam solidamente à tradição cristã. Uma criatividade irregular perderá a autenticidade, do mesmo modo que uma reforma litúrgica que se contenta com uma imitação servil e com uma restauração de práticas de épocas terminadas, sem ligação com as culturas e as sensibilidades cristãs e pastorais atuais.

As palavras, os gestos tais como comer e beber, etc. são integrados nos ritos ritmando a vida dos homens, do nascimento à morte. Muitos desses ritos, recuperados pela Igreja, se tornaram, por sua dimensão poética, os pilares da ação litúrgica e são analisados pela teologia sacramental. É evocando essa dimensão poética que a música, com sua variedade instrumental, encontra sua dinâmica e seu sentido na liturgia. Deixando aos especialistas demonstrar e imaginar as modalidades onde a música opera dessa maneira, eu pretendi lembrar a importância dessa dimensão essencial da ação litúrgica.

Produzir um prelúdio, administrar uma vigília, abrir uma janela sobre o mistério, é o que esperamos com uma completa eficácia simbólica. Uma liturgia bem sucedida é uma encenação de tipo particular: ela faz viva, põe em interação toda uma comunidade face a um texto, memória dos tempos primeiros e do que aconteceu em seguida. Uma liturgia bem sucedida garante comunicação e mediação para trazer aos dias de hoje os valores fundamentais herdados da tradição, para apaziguar frente às angústias e questões mais determinantes de nossa existência, para abrir ao Outro e contribuir para se tecer as relações humanas onde respondemos verdadeiramente à alteridade (responsabilidade social).

Richard Guimond tem razão em dizer, sobre a liturgia, que ela revela “o sonho que anima a paixão de viver sempre de outra maneira. Ela ilumina o desejo de viver o bom, o belo e o

verdadeiro. Ela é o impulso que nos puxa a um engajamento em direções conseqüentes e apropriadas. Na liturgia-proclamação, contemplação e ação engajadas se encontram intimamente ligadas.”²⁴

Tal é a dimensão que vos cabe e também vos provoca, dar à música, pela qual muitos de vós são interessados, especialmente através de uma certa paixão por instrumentos, o sentido e a dimensão poética da ação litúrgica.

Referências Bibliográficas

- BRADSHAW, Paul F. L'uniformisation de la liturgie chrétienne au IV^e et au XX^e siècle, *LMD*, 20.4.1995, p. 30
- CERTEAU, Michel de. *L'étranger ou l'union dans la différence*, (Foi vivante) Paris: Desclée, 1968.
- _____. *Le christianisme éclaté*. Paris: Seuil, 1974.
- _____. La misère théologique, question théologique, *La lettre*, 182, 1973.
- _____. *DIDASCALIE syriaque*, c. 13, p. 59 (Edição Funk:II).
- DOUGLAS, Mary. *De la souillure*. Essais sur les notions de pollution et de tabou. Paris: François Maspéro, 1981.
- DUCHESNEAU, Claude, VEUTHEY, Michel. *Musique et liturgie*. Le document Universa Laus. Paris: Cerf, 1989.
- GREISCH, Jean. Que signifie penser religieusement?, *La lettre* 182, 1973.
- GUIMOND, Richard. L'assemblée liturgique, signe de l'engagement des chrétiens dans le monde, *Liturgie, Foi et Culture*, v. 35 (printemps 2001).
- LABARRIÈRE, Pierre-Jean. *Le discours de l'altérité. Une logique de l'expérience*. (Philosophie d'aujourd'hui) Paris: PUF, 1983.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Expérience et absolu, questions disputées sur l'humanité de l'homme*. Paris: PUF, 1994.
- LÉVINAS, Emmanuel et. al. *Répondre d'autrui*. Boudy-Neuchâtel: Éditions de la Baconnièr, 1989.

²⁴ Richard GUIMOND, L'assemblée liturgique, signe de l'engagement des chrétiens dans le monde, in: *Liturgie, Foi et Culture*, v. 35 (printemps 2001), p. 25.

- LUCIER, Pierre. Le statut épistémologique de la situation liturgique, *Liturgie et vie chrétienne* (octobre - décembre 1972), p. 256-278.
- OLIVIERO, P. et OREL, T. L'expérience rituelle, *Recherche de science religieuse*, t. 78 (jul - set 1990), 334.
- PALAZZO, Éric. *Liturgie et société au Moyen âge*. Paris: Aubier, 2000.
- RAHNER, Karl. Parole et Eucharistie. In: *Écrits théologiques IX*. Bruges: Desclée, 1968.

Tradução: Vinicius Mariano de Carvalho